

## Universidade para a 3ª Idade: a experiência da PUC de Campinas

Patrícia Guerreiro \*

---

*"Sempre não tive a idéia fixa de que a velhice me traria muito? Em meus jovens anos escrevi em algum lugar: primeiro nós vivemos nossa juventude, em seguida nossa juventude vive em nós."*

Lou Andreas-Salomé

---

O envelhecimento tem se transformado numa questão privilegiada nos últimos anos. Durante muito tempo considerado como próprio da esfera privada e familiar, transforma-se em uma questão pública. Em nossa sociedade, podemos observar um conjunto de políticas, de associações e até mesmo um campo específico de saber - a Gerontologia - voltadas para definir o que é o envelhecimento e propor formas para uma adaptação bem sucedida à velhice.

Um crescimento da população mais idosa é acompanhado de um remapeamento do curso da vida, criando novas etapas que separam a idade adulta da velhice. Temos assim, ao lado de um crescimento demográfico, a criação de novas demandas políticas e a construção de novas imagens em torno das diferentes etapas de envelhecimento. A idéia da "3ª idade" é um exemplo disso, é uma invenção social que traz consigo um conjunto de novos discursos e novas práticas, visando promover um envelhecimento adequado e criar um novo período na vida entre a jovem idade adulta e o envelhecimento.

Quando falamos em velhice e em envelhecimento, falamos também em categorias e grupos de idade, em periodização da vida (Debert, 1988), tendo em vista que as idades da vida não correspondem apenas às etapas biológicas (Ariés, 1978), mas que são uma criação arbitrária e uma construção sociocultural (Bourdieu, 1983), sendo, portanto, representadas e simbolizadas de maneira culturalmente distinta.

Falar das idades é, portanto, procurar entender o investimento simbólico que cada cultura dá a um pro-

cesso biológico universal e que não pode ser explicado por variações demográficas exclusivamente.

Em nossa sociedade, nos deparamos com o estigma da velhice, mas quando chamamos a atenção para o contexto, para as imagens construídas no universo da cultura, estamos levando em conta a diferença entre uma população de uma mesma faixa etária, que apresenta memória e discurso apoiados em experiências vividas em seus diferentes contextos sociais.

Para apreendermos as diferentes concepções e representações do processo de envelhecimento e da velhice, tomamos como base a experiência da Universidade para a Terceira Idade da PUC de Campinas.

### A criação da 3ª idade

Laslett (1987), ao trabalhar com a emergência da terceira idade, procura mostrar em seu estudo, que esta corresponde a uma nova divisão etária, a um intervalo no curso da vida. Baseia-se no esquema atual de que a experiência de vida divide-se em quatro estágios ou melhor, em quatro idades, onde a terceira idade corresponde à idade da realização pessoal e da satisfação.

A terceira idade ganha novas conotações - não está apenas associada à aposentadoria, mas refere-se a um momento na vida em que as pessoas se encontram com disposição, saúde e liberdade para agirem por si próprias.

Dessa forma, ela passa a ser reconhecida como uma nova divisão da experiência de vida nas sociedades contemporâneas, tanto enquanto experiência individual como enquanto experiência coletiva.

Guillemard (1988), em seu estudo sobre a terceira idade, procura apontar um conjunto de transformações ocorridas nas sociedades capitalistas que levam a sua criação, destacando, por um lado, a ampliação das camadas médias de assalariados e a correspondente problematização da velhice como uma situação em que a solidão e a marginalidade constituem-se no drama da velhice e, por outro, a criação de um mercado de consumo envolvendo atividades dirigidas especificamente à terceira idade, no qual as Universidades para a 3ª Idade estão incluídas.

O termo "terceira idade" surge no final dos anos 60, na França, a fim de exprimir uma nova realidade

da velhice, realidade essa não mais associada à idéia da miséria, doença e decadência, mas a um tempo de atividades desligadas da vida profissional e familiar, um tempo específico de lazer, onde novos valores coletivos são elaborados.

### Concepções que levam à implantação da Universidade para a 3ª idade da PUCCAMP

O curso denominado "Universidade para a 3ª Idade" é considerado fruto de um projeto de pesquisa na área de Serviço Social, elaborado pela professora Jeanete Liasch Martins de Sá, atualmente coordenadora do curso, que teve início em agosto de 1990. As aulas do curso são ministradas às segundas, quartas e sextas-feiras, no período das 13:30h às 17:15h. O curso está voltado para pessoas acima de 45 anos e a única exigência para a matrícula é que o aluno saiba ler e escrever (não é preciso que o aluno tenha feito algum curso superior anteriormente).

O curso apresenta-se em três níveis de organização curricular, (1) com duração de um semestre para cada nível. Além desses três níveis, o curso também conta com atividades optativas que se constituem, basicamente, de atividades artísticas, esportivas, recreativas, proporcionando a participação em coral, oficina do conto, oficina de pintura e desenho, oficina de jornalismo, entre outras atividades. Essas atividades optativas são ministradas às quintas e sextas-feiras no horário normal de aula.

No texto sobre a Proposta de Ação da Puccamp (1991), que apresenta a Universidade para a 3ª Idade, esse projeto é, logo de início, ligado a uma concepção da relação entre Universidade e Sociedade. O idoso é, portanto, logo de início definido como uma questão social. Neste texto, três elementos organizam a transformação do idoso em um tema que merece uma atenção prioritária e legitimam uma intervenção específica. Poderíamos caracterizar esses elementos, dizendo que fazem referência a uma questão de ordem demográfica, a uma questão de ordem moral e a uma questão de ordem instrumental.

No que se refere à primeira questão, trata-se de mostrar que pouca atenção tem sido dada, no Brasil, a uma explosão demográfica em curso: "os reflexos do aumento da população idosa são evidentes na estrutura socioeconômica e política de um país, especialmente na área de trabalho, de saúde e da previdência, na educação, no lazer, enfim, nas políticas públicas de uma maneira geral. As demandas soci-

ais dos idosos se avolumam e passam a se constituir em desafios para a sociedade política e a sociedade civil" (pp.08). A explosão demográfica anunciada faz com que a Universidade para a 3ª Idade não deva ser considerada "uma questão de moda passageira, visto que o processo de envelhecimento da população brasileira em ritmo acelerado e crítico a transforma numa questão de necessidade" (pp.32).

No que se refere à questão de ordem moral, trata-se de apresentar uma sociedade que se caracteriza pelo desrespeito aos mais velhos. "A situação do idoso na realidade brasileira é a manifestação aguda de problemas acumulados ao longo de sua vida e que vão da exploração da força de trabalho à discriminação social após se tornar economicamente improdutivo (...). Uma caracterização rápida do atual perfil do idoso brasileiro mostra-nos um quadro nada alentador, que reflete as contradições estruturais profundas de nossa sociedade industrial, acentuadas com a aposentadoria, que representa o atestado oficial do envelhecimento" (pp.11).

No que se refere à questão instrumental, trata-se de apresentar o idoso não apenas como merecedor de um cuidado específico, dadas suas condições de vida na sociedade brasileira, mas como indivíduo capaz de dar uma contribuição para a sociedade, contribuição essa que a Universidade para a 3ª Idade quer potencializar. O objetivo da Universidade para a 3ª Idade é "estimular a reinserção social do idoso, especialmente dos aposentados e donas-de-casa, de modo a valorizar sua contribuição efetiva na comunidade local (...). Em termos de propostas e sugestões levantadas, pretende-se promover essa reinserção através de: projetos na área de educação (educação de base em bairros periféricos), área social (trabalhos voluntários em instituições sociais), cultural (resgate da memória histórica de Campinas), de esportes, recreação e lazer, de educação ambiental (oficinas de educação ambiental) e área empresarial (organização de novos setores produtivos para o trabalho veterano)" (pp.22 e 23).

O perfil do idoso criado nessa Proposta para a Ação, é a de um ser "discriminado, inativo, vivendo em condições precárias e em situação de perda, passando por uma crise de identidade que leva ao isolamento, ao desinteresse pela vida, à senilidade, à morte social e física" (pp.11). É esse perfil do idoso que a Universidade para a 3ª Idade se propõe a transformar, tomando como base o que seriam as potencialidades ainda não-realizadas do idoso. (2)

Essa oposição entre a imagem construída do velho em geral e a tarefa de promover a realização das potencialidades do idoso, caracteriza a maior parte das atividades propostas na Universidade para a 3ª Idade.

### O público mobilizado pela Universidade para a 3ª idade

Olhar para os alunos que frequentam a Universidade para a 3ª Idade, é se impressionar com a "juventude" de seu corpo discente.

Quanto à faixa etária, ao contrário do que se espera numa Universidade para a 3ª Idade, temos a presença de um público relativamente "jovem" participando das atividades. A grande maioria dos alunos concentra-se na faixa dos 50 aos 60 anos (43%) e é formado basicamente por mulheres (92% - esses dados correspondem ao 2o semestre de 1992, ano da pesquisa). Nas três turmas que frequentam a Universidade para a 3ª Idade (Nível I, II, III), a média é de três homens para uma classe de 40 alunos.

Essa frequência majoritariamente feminina em oposição à masculina, é explicada por razões do tipo: trabalho (independente ou não da aposentadoria), desinteresse, acomodação, doença, orgulho, machismo, inibição.

As razões alegadas pelos alunos para frequentar a Universidade para a 3ª Idade, apresentam um contraste entre o idoso real que, na sua Proposta de Ação, a Universidade visava mobilizar e os alunos de fato mobilizados. A maioria alega que decidiu entrar na Universidade para a 3ª Idade para investir no conhecimento. Expressões como: "atualizar-se", "adquirir mais cultura", "ter oportunidade de estudar", aparecem no discurso dos alunos. No entanto, motivos como a solidão e o desejo de ampliar o círculo de relações sociais e estabelecer novas amizades parecem acompanhar a busca de novos conhecimentos.

Percebe-se, também, que os próprios estigmas com que a velhice é tratada, não estão ausentes da Universidade para a 3ª Idade. A idéia de que velho é sempre o outro, se reproduz para os alunos da Universidade da mesma forma como aparece em outros trabalhos que procuram tratar das representações sobre a velhice entre pessoas de mais idade que não participam de programas para a 3ª idade (Debert, 1988). Com base em algumas observações,

tanto da estrutura do curso como de comportamento dos alunos, a idéia que se tem é a de que terceira idade não é velhice, velhos são os outros.

Os relatos dos alunos nos fazem pensar que a Universidade para a 3ª Idade pode não mudar os estigmas da velhice, mas faz com que os indivíduos que dela participam se considerem vivendo uma experiência onde a idade tende a ser irrelevante para eles.

### Conclusão

Pode-se perceber, na Universidade para a 3ª Idade, a existência de um discurso que procura romper com a imagem negativa que a sociedade fez e ainda faz do idoso. Quando a PUC de Campinas procurou formular um perfil do idoso que se pretendia e que se esperava que ingressasse na Universidade, ela procurou enfatizar, por um lado, um quadro negativo do idoso e, por outro, as potencialidades que esse idoso trazia consigo.

Porém, os elaboradores da proposta da Universidade para a 3ª Idade foram surpreendidos pela presença de um público - como já dissemos - relativamente "jovem" e dinâmico. Dessa forma, podemos dizer que a Universidade para a 3ª Idade, não necessariamente cria uma experiência coletiva onde as potencialidades da pessoa idosa passam a ser atualizadas e vividas com satisfação e sabedoria, mas que ela firma um espaço onde o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser vividos coletivamente.

A Universidade para a 3ª Idade, pode-se assim dizer, é um dos espaços de negação ao envelhecimento, ou melhor, é uma das alternativas de se resistir à conotação negativa que envelhecer traz consigo.

**A Universidade para a 3ª Idade, pode-se assim dizer, é um dos espaços de negação ao envelhecimento, ou melhor, é uma das alternativas de se resistir à conotação negativa que envelhecer traz consigo.**

No entanto, é preciso estar atento para não transformar a velhice numa responsabilidade individual, numa questão de autoconvencimento, onde só é velho quem quer. Existem fatores vários que influenciam o processo de envelhecimento e mesmo que um programa voltado para a 3ª idade, como é o caso da Universidade, venha colaborar para que esse processo seja bem-sucedido e mais ainda, para que ele seja bem vivido, instâncias como a família, a sociedade e o Estado, não podem e não devem estar ausentes desse processo.

#### Notas:

1 O Nível I corresponde ao "Núcleo Básico", voltado para a atualização cultural, a interação em grupo, a reorganização da identidade pessoal, a sensibilização social e a elaboração de um novo projeto de vida. Isto se dá em oito módulos, conforme é especificado na documentação da Puccamp:

- \* Módulo I - Aspectos biológicos do envelhecimento
- \* Módulo II - Aspectos físico-sociais da 3ª idade
- \* Módulo III - O idoso e sua situação sócio-econômica e legal
- \* Módulo IV - A cultura na 3ª idade
- \* Módulo V - Educação física, recreação e lazer na 3ª idade
- \* Módulo VI - A organização político-social na 3ª idade
- \* Módulo VII - Vivência na 3ª idade
- \* Módulo VIII - Estágios supervisionados

O Nível II visa a um aprofundamento dos itens estudados no Nível I, enfatizando a formação de círculos de estudo e a preparação de monitores para atuarem em instituições sociais.

O Nível III pretende dar continuidade ao Nível II, numa perspectiva de descentralização cada vez maior. A partir do Nível II, os alunos podem escolher matérias de seu interesse que não estejam, necessariamente, voltadas para temas específicos de 3ª idade. É possível, portanto, refazer o currículo proposto pela Universidade (a partir do Nível II).

2 Essas potencialidades são definidas nos seguintes termos: "Estudos recentes na área de Gerontologia apontam características essencialmente positivas nessa fase da existência:

- \* A 3ª idade é o momento de melhor avaliação crítica da vida em virtude das experiências acumuladas.
- \* A pessoa torna-se mais detalhista e mais paciente.
- \* A crescente sabedoria permite uma maior capacidade de julgamento.
- \* A elementariedade permite a distinção entre o banal e o fundamental.

\* O reconhecimento do valor da vida solicita a urgência e a necessidade de atuação com um nível surpreendente de envolvimento pessoal que, por sua vez, estimula a criatividade.

\* A velocidade é substituída pela acuidade, a capacidade de recordação aumenta, a diminuição da capacidade de novas conexões intelectuais é substituída pela experiência.

\* O envolvimento com negócios cede lugar às responsabilidades no contexto familiar e comunitário.

\* As paixões e a volúpia são substituídas por deleites mais refinados.

\* A questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano da partilha, da intimidade do toque entre pessoas.

\* Atitudes e preferências ganham maior estabilidade

\* A participação política e de cidadania torna-se mais efetiva.

\* Há menos temor da morte. A força do corpo é substituída pela força do espírito.

\* Entre a situação real e a situação potencial abre-se espaço para o compromisso social e político e para a ação. Daí, a Universidade para a 3ª Idade " (pp.11,12).

#### Referências Bibliográficas:

- Ariès, P. *História Social da Criança e da Família*. Zahar. Rio de Janeiro, 1978
- Bourdieu, P. A Juventude é Apenas uma Palavra. IN: *Questões de Sociologia*, Marco Zero. Rio de Janeiro, 1983
- Debert, G. G. Envelhecimento e Representações sobre a Velhice. IN: *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, vol 8 (no 44), 1988
- \_\_\_\_\_. Periodização da Vida e a Definição de Espaços Privilegiados para a Ação. IN: *ANPOCS*, Caxambu, MG, 1988
- \_\_\_\_\_. Família, Classe Social e Etnicidade: Um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento. IN: *XV Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, MG, 1991
- \_\_\_\_\_. O Discurso Gerontológico e as Novas Imagens do Envelhecimento. IN: *São Paulo em Perspectiva, Revista de Fundação SEADE*, São Paulo, outubro/dezembro, vol 17 (no 4): 121-128, 1993
- \_\_\_\_\_. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. IN: *Textos Didáticos*, IFCH/UNICAMP, no 13, 1994
- Guillemard, A.M. La Naissance du Troisième Âge. IN: *H. Mendras. Les Chemins de la Sociologie Française/Paris*, A. Colin Ed., 87-96, 1988
- Laslett, P. The Emergence of the Third Age. IN: *Ageing and Society. The Journal of the Centre for Policy on Ageing and British Society of Gerontology*. England, 133-160, 1987
- PUCAMP. *Documentação: A Universidade para a Terceira Idade na PUCAMP - Proposta e Ação Inicial*. Puccamp, Campinas, SP, 1991

\* Patricia Guerrero é aluna do Programa de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP